

4CEDHPOUT01**ASSESSORIA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO DE SURDOS A FUNAD-PB**

Filippe Paulino Soares (2); Ana Dorziat Barbosa de Melo (3); Eliane Maria de Menezes Maciel (4); Niédja Maria Ferreira Lima (4)

Centro de Educação/Departamento de Habilitações Pedagógicas/Outros

RESUMO

Os resultados obtidos através de pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado desenvolvidas pelo grupo “Inclusão e Alteridade: um novo olhar sobre o currículo” do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, têm mostrado as dificuldades em delimitar fronteiras apenas espaciais no processo inclusivo, apontando para a necessidade, sobretudo no ensino de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental de surdos, de investir em propostas curriculares que percebam a importância de uma real interação aluno-professor-conhecimento-aluno, respaldada na língua de sinais. Em função disso, reputamos como essencial o desenvolvimento de atividades que percebam também a importância de uma educação de surdos para além das fronteiras estabelecidas pelas políticas públicas (escola regular), uma vez que o fortalecimento, acompanhamento e encaminhamento dessa comunidade (como mostram nossas pesquisas na área), visando processos realmente inclusivos, envolvem a dinâmica estabelecida nas instituições especializadas. Dessa forma, desenvolvemos junto à Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência – FUNAD, um trabalho de assessoria pedagógica em Educação de Surdos, relacionado tanto ao processo educativo realizado no interior da instituição como às iniciativas que se dirigem às escolas regulares, ambos em vistas a contribuir para reflexões/aprofundamentos de processos realmente inclusivos, o que propiciou também na constituição de uma parceria entre a Universidade e essa importante instituição, vinculada ao governo do Estado da Paraíba, que atende hoje 2,5 mil usuários na Paraíba, oriundos de diversos municípios do Estado. Desenvolve programas que visam promover e reabilitar pessoas portadoras de deficiência, através de uma série de programas, cursos e diversas atividades artísticas, de lazer, esporte e recreativa, e ainda inserir essas pessoas no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Assessoria pedagógica, FUNAD, Surdos

INTRODUÇÃO

Uma pessoa surda é aquela que não ouve o suficiente para processar informações lingüísticas pela via de acesso mais comum – a oral-auditiva, criando, por isso, uma entidade lingüística e cultural própria (SACKS, 1990). No entanto, no decorrer do último século os surdos foram tratados como deficientes auditivos e, em decorrência, receberam atendimento clínico,

¹⁾ Bolsista, ²⁾ Voluntário/colaborador, ³⁾ Orientador/Coordenador ⁴⁾ Prof. colaborador, ⁵⁾ Técnico colaborador.

visando torná-los o mais possível próximo dos ditos normais. Surgiu assim, no âmbito da educação, uma corrente muito disseminada - a oralista, que acreditava que o processo educacional da criança surda deveria centrar-se na aprendizagem da linguagem oral. A utilização do sistema gestual (natural dos surdos) foi renegado por praticamente todos os educadores, que entendiam ser o mesmo um conjunto de gestos desordenados, limitados a expressões concretas e embotador da linguagem oral. O grande fracasso escolar e as dificuldades de integração dos surdos, além de novas pesquisas nas áreas de lingüística, sociologia, educação etc. levaram, entretanto, muitos desses educadores a repensar esta posição.

Com a confirmação científica, feita em 1960, por Stokoe, lingüista americano, de que a língua de sinais é uma língua com regras e gramática própria (BRITO, 1995; SACKS, 1980; et all), a língua de sinais passou a ter outro valor, significando, entre outras coisas, que, como as demais línguas, ela tem um período crítico de aquisição (de zero a três anos), para que neurolingüisticamente o cérebro possa desenvolver plenamente suas funções, e, após os 12 anos, as seqüelas causadas pela falta de aquisição de uma língua são permanentes e irreversíveis (FERNANDES, 1996).

O *status* lingüístico dado à língua de sinais e a conseqüente descoberta da importância da mesma para o desenvolvimento dos surdos propiciaram aos educadores da área a possibilidade de, a partir de uma base científica, pensar no porquê do fracasso dos alunos surdos, que passavam anos a fio na escola e não conseguiam aprender a ler e escrever; no porquê de os surdos não conseguirem absorver conceitos abstratos; e, ainda, no porquê de os surdos, em sua grande maioria, serem imaturos, inseguros e dependentes. As respostas a estes porquês desmascararam os cem anos de prática oralista, que obrigava os surdos a aprenderem apenas a língua oral e levava a escola a exercer uma função terapêutica ao invés de educativa.

Surge, assim, a proposta de educação bilíngüe para surdos que, segundo Skliar (1999), pode ser definida como uma oposição aos discursos e às práticas clínicas hegemônicas e como um reconhecimento político da surdez como diferença. Requerendo um discurso e uma prática educacional que contemple as peculiaridades da surdez e da pessoa surda. Isso implica em uma mudança de visão, não mais apoiada na normalização, na adaptação social, mas no entendimento de que a educação deve considerar as especificidades do ser humano. Essa mudança demanda tempo e aprofundamento de idéias porque a forma normativa está enraizada no pensar e no agir das pessoas. É o senso comum que está ao alcance de todos.

De acordo com Dorziat (1999), a relação entre por que fazer, para que fazer, para quem fazer e como fazer precisam ser estabelecidas e consideradas, pois não existe um fazer pedagógico neutro e que se adapte a qualquer situação escolar. Teoria e prática, conteúdo e

procedimento, ensino e sociedade, história de vida pessoal e de vida profissional não são aspectos separados e compartimentalizados. Determinar essas relações é um desafio.

A partir dessas concepções, desenvolvemos junto à Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD), um trabalho de assessoria pedagógica em Educação de Surdos, relacionado tanto ao processo educativo realizado no interior da instituição como às iniciativas que se dirigem às escolas regulares, ambos em vistas a contribuir para reflexões/aprofundamentos de processos realmente inclusivos. Como também no intuito de criar uma parceria universidade-instituição especializada.

DESCRIÇÃO

Esse trabalho teve como objetivo geral assessorar pedagogicamente em Educação de Surdos à Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD-PB). Para tal, traçamos os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar as necessidades da FUNAD quanto à Educação de Surdos.
2. Contribuir para momentos de reflexão em Educação de Surdos entre equipe pedagógica da FUNAD e equipe responsável pelo projeto.
3. Colaborar com a equipe pedagógica da instituição no desenvolvimento de uma proposta pedagógica adequada ao ensino de surdos, em sua realidade específica e no contexto das escolas regulares.
4. Promover intercâmbio entre a Universidade e a FUNAD.

METODOLOGIA

Inicialmente, é importante explicitar que a FUNAD possui uma Assessoria de Educação Especial – AEE – que, em primeiro momento, seria o local de realização do nosso trabalho por ser ela responsável em disseminar os conhecimentos, dando assessorias nas escolas inclusivas do estado, porém, a própria AEE nos indicou a Escola Ana Paula – que funciona dentro da FUNAD, exclusivamente com alunos surdos – para que desenvolvêssemos nosso trabalho, demonstrando um desinteresse em receber nosso projeto. Dessa forma, todas as ações desse trabalho foram desenvolvidas nesta escola.

Foi realizada uma conversa informal, em forma de entrevista semi-estruturada, com a coordenadora e as professoras do espaço destinado à Educação de Surdos, a Escola Ana Paula, visando identificar as necessidades educacionais e as ações que visam à inclusão desses alunos.

Em seguida, foram organizados periodicamente momentos de reflexão teórico-metodológicos em Educação de Surdos entre a equipe técnico-pedagógica da mesma escola e a equipe responsável pelo projeto, nas reuniões de planejamento e sessões de estudo sobre questões variadas desta área de conhecimento, bem como em educação em geral. Os temas foram selecionados de acordo com as necessidades de conhecimento teórico-metodológico que foram surgindo no decorrer da assessoria. Para os momentos de estudos, foram utilizados textos, para leitura e discussão; cartazes e outros materiais que serviram de modelo para a confecção de materiais pedagógicos para o ensino de surdos. Esses momentos foram registrados fotograficamente e também através de vídeos, previamente autorizados pelos participantes.

Tendo em vista a necessidade de se planejar um ensino adequado à realidade da escola e às questões da surdez, participamos de alguns planejamentos pedagógicos da escola, que aconteciam quinzenalmente, para colaborar, com a equipe pedagógica, no planejamento das atividades a serem desenvolvidas, discutindo idéias, trocando experiências, sugerindo procedimentos metodológicos, materiais didáticos, avaliando as práticas etc.

Para que pudéssemos melhor acompanhar o desenvolvimento do planejamento no dia-a-dia escolar, realizamos observações, em sala de aula, da prática do professor, bem como da adequação do conteúdo e das atividades escolhidas. Estas observações foram anotadas no diário de campo que discutimos, em um primeiro momento, com a coordenadora do projeto e, em um segundo momento, com as professoras da instituição.

As discussões dos dados observados em sala de aula e estudos para aprofundamento teórico, foram realizadas em encontros quinzenais do grupo que faz este projeto, no Campus I, como também nos encontros da equipe escolar.

RESULTADOS

A Comissão desenvolvedora desse projeto, formada por professores da UFPB, professora da UFCG e alunos de graduação e pós-graduação, iniciou seus trabalhos em Março de 2007, em visita à FUNAD oficializando de vez a parceria com a instituição, onde foi exposto informações por parte do corpo docente em relação as suas dificuldades, limitações na sua prática docente, nos dando assim a possibilidade de encaminhar melhor a realização do projeto, partindo das problemáticas já existentes.

Durante todo o período do projeto, ocorreram momentos de estudo com as professoras e os alunos extensionistas, nos quais foram discutidos textos. Citamos como exemplo de livros e textos estudados: O texto **A política e a epistemologia do corpo normalizado** extraído da Revista Espaço: Informativo técnico - científico do INES Nº. 14 (julho- dezembro 2000), Rio de

Janeiro: INES, 2000 – Autora: MORAES, Ana Beatriz, **A invenção e a exclusão da alteridade deficiente (1) a partir dos significados da normalidade**. Autor: SKLIAR Carlos e **Carta Aberta ao MEC**, Prof^a Dr^a Nídia Regina Limeira de Sá – Espaço Universitário de Estudos Surdos - Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação – UFBA.

Participamos dos planejamentos pedagógicos da escola Ana Paula na FUNAD, realizados mensalmente sempre na última quarta-feira do mês. Nestes planejamentos, além de participarmos das discussões em geral, fomos os responsáveis pela coordenação dos momentos de estudo, ou, seja de oficinas realizadas a pedido do corpo docente para suprir assim as necessidades existentes.

A assessoria nas atividades em sala ocorreram duas vezes por semana, nas terças e quintas-feiras, das 13:30 às 16:30, onde houve trocas de experiências ricas entre professor, aluno e extensionista.

A professora de ensino de matemática Eliane Maria de Menezes Maciel (UFPB/DME), membro da comissão de assessoria do nosso projeto, ministrou uma oficina de ensino de matemática voltada para alunos surdos, às professoras da escola Ana Paula. Elas tinham solicitado a oficina, pois seus alunos surdos apresentavam dificuldades em de aprendizagem de matemática *“Eles confundem adição com multiplicação”* – disse uma das professoras da escola. O material utilizado na oficina foi a Escala Cuisenaire, utilizado para ensinar adição, subtração e multiplicação. Após uma das professoras da escola utilizar o mesmo material, seguindo a orientação dada na oficina, ela se colocou dizendo: *“Na primeira aula, os meus alunos sentiram um pouco de dificuldade, mas, da segunda aula em diante, realizaram as tarefas com sucesso, os surdos gostam muito de trabalhar com material concreto”*.

Um outro tema foi o ensino da leitura e escrita para surdos sendo ministrado também através de uma oficina pela professora Niédja Maria Ferreira Lima (UFCEG/UAE). Foi uma oficina prática, com um material visual, referente ao tema família. Nesta oficina, todas as professoras da escola tiveram que utilizar o material, após a orientação. As professoras demonstraram grande interesse no material e na metodologia do ensino da leitura e escrita do português. Num outro dia, a mesma professora trabalhou com as professoras da escola o material de *Escrita do português com língua de sinais*. Dando continuidade à oficina anterior.

CONCLUSÃO

Devido os alunos surdos utilizarem a via da comunicação visual-gestual, sua apreensão de conhecimento e percepção de mundo se dá exclusivamente pela visão, portanto para se construir atividades pedagógicas e desenvolver um currículo significativo para essas pessoas é fundamental a utilização de materiais didático-pedagógicos visuais, pois elas trarão para esses

alunos experiências concretas em sala de aula, favorecendo um melhor entendimento, facilitando a prática de ensino do professor e obtendo melhores resultados.

Os professores, no geral, em sua maioria, não receberam na formação acadêmica orientações sobre a atuação pedagógica em uma sala de/com alunos surdos. Muitas vezes, durante a disciplina de educação especial, na academia, foi apenas citada a questão da surdez, mas como esses professores podem prover uma educação real, significativa, sem apoio?

Através desse projeto foi possível contribuir significativamente na prática escolar das professoras da escola Ana Paula – FUNAD, com relação aos conteúdos de matemática e português. Deixando claro que foram salas especiais, só de alunos surdos. Porém, nossa contribuição não cessa, ou não preenche a enorme lacuna que se tem com relação à formação docente para atender as diferenças, tendo como foco de nosso projeto, a surdez. Mesmo em uma escola especializada, quiçá em escolas inclusivas, onde se tem diversas diferenças e um único currículo, geralmente respaldado por práticas pedagógicas padronizadas e voltadas para os ditos “normais”.

REFERÊNCIAS

BRITO, L. F. **Por uma gramática da Língua de Sinais**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, UFRJ, Depto. De Ling. e Filologia, 1995.

DORZIAT, A. **Bilingüismo e surdez: para além de uma visão lingüística e metodológica**. . In: SKLIAR, C. (org.). *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

FERNANDES, E. **Língua de Sinais, Educação de Surdos, L1 e L2**. In: *Boletim informativo do XI Encontro Nacional da ANPOLL*, João Pessoa, pp. 6549-550, 1996.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

SKLIAR, C. **A localização política da educação bilíngüe para surdos**. In: SKLIAR, C. (org). *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.